

SAMARITANA II (Jo 4: 5-43)

Um lenço de lírios nos olhos
sobre a calçada de um poço.
E no quebranto azul dos seus despojos
navega a corrente.
As águas intocadas da fonte
aceleram o pulso de um soluço
e o toque suave de um amor doloroso.

A tarde está sozinha
e os contornos das suas penas, vivos.
Sangram as oliveiras
no sal dos seus olhos, de onda em onda.
Os seus dedos sensíveis
acariciam a pele
de um olhar alheio e surpreendido.
Abrem-se todas as feridas de par em par
nas suas paredes de mel.

A sede do Nazareno
e a fonte ferida
desenham teias de aranha no seio.
Não conhece a sua voz, mas adivinha
o toque do seu beijo ardente
e o suor da testa que se inclina.

A tarde adormece
e a palavra sufoca, arde e cresce
pelos arredores das suas penas.
Chora a concha nas areias
o sal da sua fratura.
Sozinhos os dois na calçada do pranto,
Sozinhos, sem ferramentas nem correntes.

Humahuaca, 2010

Blas Márquez Bernal, cmf
(FOTO: [Reflexión y Liberación](#))

